

O seguro morreu de velho: contributo para uma abordagem cognitiva¹

Mário Vilela
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

0. Alguns pontos de vista da linguística cognitiva no domínio da semântica

O sistema de categorização lexicalizado nas línguas naturais não é determinado pela partilha de traços (as condições necessárias e suficientes), por parte dos membros de uma mesma categoria, mas pelo grau de semelhanças com um exemplar representativo da categoria (o “protótipo” de Rosch 1978), ou ainda a categorização segundo um “modelo cognitivo idealizado” (Lakoff 1987) projecta-se em determinadas relações pragmático-discursivas (de diversa natureza, como as relações metonímicas, as metafóricas, as espaço-temporais, etc.). Estão aqui as bases essenciais das configurações semânticas das línguas naturais, segundo a linguística cognitiva.

Os princípios norteadores da chamada semântica cognitiva, tais como a ideia de “nível de base” e “graduabilidade” na organização interna das categorias (isto é, os exemplares de uma dada categoria distribuem-se à volta de um exemplar típico) aplicar-se-ão com alguma facilidade a certas categorias da língua, mas há resistências noutros domínios da língua ou nas configurações feitas pela língua. A organização do conhecimento e o modelo taxonómico ou classificação sistemática do mundo natural podem nem ser o mais difícil de explicar. A tipicidade/tipicidade construída com base nas noções de aproximação, de fluido, de graus de pertença, de proximidades, de gradualidades, de

1 O tratamento de “seguro” como conceito e como categoria lexical foi-me sugerido pela leitura da Dissertação de Mestrado de Vitor Hugo Lourenço Franca (Um Léxico Terminológico: Seguros), que foi apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1997. As sequências construídas à volta de “seguro” foram obtidas, quer na referida Dissertação, quer em relatórios das companhias de Seguros.

semelhanças, de ares de família, em objectos naturais, pode até não ser aleatório. Mas em áreas mais interiores ao comportamento humano, nas estruturas intercategoriais onde as fronteiras são mal definidas e nas estruturas intracategoriais, a graduação, a tipicidade, a representatividade e a semelhança são bem mais difíceis de construir. Aqui nem a distinção entre organização erudita ou científica e a organização popular ou normativa das categorias podem fornecer grandes pistas.

É este o nosso ponto de partida: aceitar a teoria, mas com olhar crítico. A codabilidade e a codificação dos conceitos assentam tanto na capacidade configuradora da mente humana como na força das coisas que se impõem à mente humana. A representação do mundo é feita por meio de categorias, mas uma tal categoria será uma classe lexical ou uma classe de conceitos (Rastier 1993)?

Iremos socorrer-nos de exemplares típicos construídos a partir de **seguro**, como palavra intransitiva (*algo/alguém está seguro, algo está no seguro*), como palavra de relação transitiva (*alguém está seguro de si, seguro contra todos os riscos*), apelando para determinados modelos mentais como representativos de estereótipos, de ideais, de sub-modelos, de exemplares salientes neste domínio. A ideia de *seguro* será colocada em **scripts** (Schank/Abelson 1977) para possibilitar uma aproximação de “cenários” adequados. Estes “scripts” poderão estar próximos da nossa experiência quotidiana: afinal, quem nunca esteve inseguro, na vida, por motivos de saúde, de perigo de vida, em riscos de toda a ordem? Os cenários de “seguro” serão facilmente corporizáveis e reconhecíveis. Há coberturas do seguro (*o seguro cobre uns riscos e exclui outros*), há caminhos seguros, *carros seguros, tempo seguro, chave segura, pessoas seguras*.

E desde logo verificamos que cada palavra representa uma fonte complexa de conhecimentos, tanto no domínio da língua como no domínio do mundo real e a compreensão da linguagem resulta da coordenação de intercâmbios entre as palavras, que são semelhantes a actores “experts”, capazes de determinar o seu próprio comportamento num contexto linguístico e conceptual (Anscombe 1995). Palavras como *seguro, risco, perigo, sinistro, acidente, desastre, catástrofe*, etc., situam-se no mesmo cenário. Estamos perante metáforas quentes, aliás já presentes na etimologia da palavra seguro: SINE CURA, “sem cuidado”, “sem preocupação”.

Por outro lado, determinados domínios de experiência, os pontos de vista inscritos nos **estereótipos**, ajudar-nos-ão a explicar a lexicalização. Aqui entendemos estereótipos como os representantes do modo como as imagens que temos na cabeça acerca do mundo se nos apresentam: entendendo que o mundo é visto tanto como o consideramos como aquilo que ele é realmente. Não entendemos portanto os estereótipos como a parte sombria da humanidade, como a concepção resultante da “repetição mecânica” dos gestos dos clínicos de psiquiatria. Os estereótipos resultam da necessidade de categorizar o mundo e da necessidade de organizar e simplificar o meio em que vivemos. Esses estereótipos estão representados, por exemplo, nos provérbios, como aquele que serve de título a esta comunicação. Nos estereótipos, os princípios organizadores das categorias – a percepção e a função – tornam-se pouco acessíveis à materialização. Resta-nos observar as categorizações em situação. Os provérbios, as combinações construídas com base em “seguro”, inquiridos, consulta de dicionários e a explicação dos “topoi” presentes no provérbio por outros **topoi**, levar-nos-ão a algumas conclusões. É que ao lado do provérbio «o seguro morreu de velho», há “marcos” deste provérbio em categorizações como *homem seguro* (em que não se sabe se estamos perante ‘homem seguro’, no sentido literal, ou se se trata de ‘homem segurado’), *política segura*, *pessoa segura de si*, *tempo seguro*, *chave segura*, *casa segura*, etc. O literal e o figurado, aliás já lexicalizado e congelado, convivem lado a lado.

1. Definição de *seguro* por “aproximações semânticas”

O protótipo de “seguro” não pode ser representado por conteúdos únicos, mas é possível obtermos uma aproximação do modelo idealizado nesta categoria através de “predicados” nele contidos. As palavras arrastadas pelo elemento “seguro”, no chamado “domínio” dos “seguros”, apontam para determinadas figurações imagéticas. O inquirido a falantes pode desencadear os “estereótipos” construídos com esta categoria, assim como a interrogação das metáforas que ficam nas margens do “seguro” permitir-nos-ão uma aproximação à categoria conceptual “seguro”.

1.1. Definição por meio de “predicados”

Consideramos como “predicados” de “seguro”, ou os lexemas ver-

bais que servem de suporte à construção do respectivo “mapa cognitivo” (Langacker 1987), ou o “feixe” de traços que composicionalmente suportam o encadeamento dos conceitos à volta de *seguro* (Jackendoff 1996).

Exemplos de predicados ou traços que, de qualquer modo, poderão representar alguns dos “caminhos mentais” de “seguro”, são os seguintes:

- CAUSA: o seguro morreu de velho
 - AGIR: jogar pelo seguro
 - IR / ANDAR / CAMINHAR: ir pelo seguro
 - ESTAR / SER: carro seguro, estrada segura, caminho seguro, condução segura
 - PÔR EM: (confia no futuro, mas) põe a casa no seguro
 - COBRIR: o seguro cobre riscos
 - SOBRE: seguro sobre líquidos,
 - PERCURSO: ir sobre seguro (ir com cautela)
 - POR: seguro por áreas
 - MOVIMENTO: seguro flutuante
 - RISCOS: seguro multirriscos
 - CONTRA: seguro contra doenças/ catástrofes
 - MODO: seguro a fundo perdido
- etc.

Vamos apenas explicar o predicado CAUSA, presente em *o seguro morreu de velho* (“ce qui est sur ne meurt pas que de vieillesse”). A “MORTE” é a lei da vida, é um dado adquirido. Mas o “seguro” apenas morre por velhice, no limite. A preposição “de” representa (Dirven 1995) nesta relação a “causa como separação de um contacto”. Normalmente a preposição “de” veicula em português o contacto directo, exprime uma causa inerente, em que as entidades que lexicalizam a CAUSA implicam fraqueza, tais como a doença, a fome, a sede, a doença, a anemia, etc. Vejam-se exemplos como:

- morrer de velho, tremer de frio, morrer de cancro maligno; livra-nos do mal

Podemos fazer a comparação entre “de” causal e “com”, representante prototípico de “companhia /instrumento”:

- morrer de velho / de frio / fome
- morrer com *velho / fome / com frio

A preposição “de” causal selecciona determinadas entidades e exclui outras. Comparemos:

- morrer de *vinho, de *droga, de *envenamento, de *veneno
- morrer com droga (entidades concretas)

“De” representa assim uma causa inerente, um contacto directo, constatável em expressões como *medo de, envergonhado de, orgulho de, temor de, cansado de*. Os confrontos com exemplos de outras línguas fornecem-nos dados como:

- morrer de, die of, sterven an,
- sofrer de /leiden an, suffer from

E a explicação pode ser continuada por meio de predicados positivos, como em *carro seguro*, em que os termos positivos se explicitam por paráfrases como “carro mecânica, tecnológica, aerodinamicamente adequado” (o “topos” concordante ou intrínseco de Anscombe), em *estrada segura* temos “estrada larga, sólida, bem sinalizada, de bom piso”. Pelo contrário, em termos de predicados negativos, no oposto de *caminho seguro*, temos “caminho perigoso, sinuoso, escorregadio”, e o oposto de *condução segura* é “condução perigosa, irresponsável, criminosa”, de *pensamento seguro* seria “pensamento errado, tortuoso, ilógico”.

Torna-se interessante verificar que a lexicalização da categoria “seguro” utiliza expressões mais ou menos congeladas e o seu antónimo lexical – *inseguro* – não tem a mesma disponibilidade semântica, pois há condicionamentos de vária ordem. Não se diz frequentemente *carro inseguro, caminho inseguro*, mas já ocorre *pensamento inseguro, pessoa insegura, condução insegura*.

Aliás, a definição de *seguro* num bom dicionário (Aulete 1913) não andará muito longe desta rede de traços e predicados:

1. «isento de qualquer perigo ou risco, 2. certo, que não admite dúvida. 3. firme, estável. 4. relativo a pessoa ou coisa em que se pode

confiar em absoluto. 5. que crê poder confiar em alguém ou algo: *estou seguro de que* .. 6. Nome: Sítio isento de qualquer perigo.. 7. Segurança, certeza, confiança 8. Seguro: contrato ... 9. Salvo conduto, licença especial .. 10 Mola em armas de fogo ..»

1. 2. Definição por interrogação das metáforas / metonímias activadas

A explicação cognitivista do conhecimento por meio de determinados percursos mentais, por intermédio de pontos de referência, pela materialização do abstracto, etc., é facilmente documentada por exemplos da mais variada ordem como:

teoria sustentada /suportada
sustentabilidade da política florestal²
suporte papel / magnético / electrónico
o medo guarda a vinha que não o vinhateiro
não trocar o certo pelo incerto
voltemos ao assunto /voltemos à vaca fria
a matéria do programa

As coisas abstractas são “sustentáveis”, “suportadas”, o programa tem uma “matéria”. Voltar ao “assunto” e “voltar à vaca fria” são equivalentes, ou “o medo guarda a vinha” e o medo é “um segurança” exprimem conteúdos próximos. Trata-se de materializações claras, onde a categorização do concreto e do abstracto se dilui ou mesmo se confunde. As ocorrências de expressões como estas, nos “media”, são o “pão nosso de cada dia”. A propósito da regionalização e dos desencontros entre os políticos no interior do mesmo partido, ocorriam, na primeira semana de Junho (1998), expressões como:

«furacão regionalista varre PS»
«PS à espera da vaga de fundo»³

em que a materialização do abstracto se torna evidente.

2 In: «Público», 5.6.98 (Política)

3 Vide, por exemplo, «Público», 5.6.98 (Política)

À volta de “seguro” encontramos as (chamadas) **metáforas ontológicas** (cfr. Lakoff / Johnson 1985), aquelas em que surge um suporte materializado do conceito “seguro”, nomeadamente na literatura de “seguros”. Tomamos aqui “metáfora” em sentido amplo, nela incluindo a metonímia, a sinédoque. E encontramos expressões já lexicalizadas, ultrapassando portanto o que designamos apenas por simples “colocação”, em que se aponta para entidades perspectivadas como “materializadas” e que implicam outras entidades materiais:

- carteira de seguros, consumidor de seguros, tomador(a) de seguros, agente de seguros, angariador de seguros, apólice de seguros,
- empresa de seguros (seguradora, entidade seguradora, entidade segurada)
- beneficiário de seguros (segurado), pessoa segura, valor seguro, importâncias seguras,
- o seguro cobre riscos, riscos cobertos/excluídos pelo/do seguro, etc.
- quebra do seguro
- seguro automóvel, seguro ramo Vida, seguro habitação multiriscos, multiriscos habitação, seguro ramo fogo,
- seguros reais
- companhia de seguros
- mediador de seguros
- reembolso do seguro
- anulação, alteração do seguro

A materialidade de “seguro” é evidente: é algo que “está na carteira”, que “é consumido / tomado”, representa “um ramo”, que “é mediado/ anulado/alterado”, que “segura” pessoas, habitações, automóveis, etc.

A definição pode ainda ser procurada nas (chamadas) **metáforas estruturais**, construídas com base no “espaço”:

- âmbito / cobertura do seguro: «o seguro cobre determinados riscos e exclui outros»,
- seguro directo / indirecto
- seguro sobre líquidos, sobre bens imóveis (‘sobre’)
- seguro ilimitado / limitado (‘tem / não tem limites’)
- ir pelo seguro (‘caminho’, ‘via’)
- seguro a fundo perdido (‘fundo’)

- seguro flutuante (= ‘(só se pode) flutuar numa superfície/ num espaço’)
- seguro marítimo (‘por mar’)
- seguro continuado
- seguro cumulativo (‘que se acumula’)
- seguro por área (‘abrangendo uma dada área’)

Ou com base em metáforas estruturais construídas com base no tempo:

- duração do seguro
- validade / vigência do seguro

Poder-se-á entender *seguro* como “trajector” dirigindo-se para um “marco”:

- seguro de vida, de saúde, de crédito, de assistência,
- seguro contra roubo, seguro a prémio fixo
- vencimento do seguro
- reposição do seguro

E os “marcos” são seleccionados ou excluídos, como:

- seguro de acidentes /desastres, mas não:
 - *seguro de ocorrências / *acontecimentos
- seguro de acidentes de trabalho, mas não
 - * seguro de tarefa / * de serviço

São esquemas de imagens fundamentais para a estrutura cognitiva, onde predominam conceitos como contendor-conteúdo (*carteira de seguros, reembolso de seguros*), origem-percurso-meta (*tomador/beneficiário de seguros, mediador de seguros, ir pelo seguro, seguro flutuante, limite do seguro*), centro-periferia (*âmbito do seguro, seguro limitado*), ou outras imagens igualmente importantes, como os chamados arquétipos conceptuais, do género de “nível intermédio” de especificidade (*seguro flutuante, seguro cumulativo, seguro continuado*), etc. A nossa conceptualização do corpo humano, o carácter discreto dos objectos físicos, os eventos transitivos (interacção agente-paciente: *tomador do seguro, agente de seguros*), a troca verbal face-a-face (*angariador de seguros*), etc., reflectem-se necessariamente nas categorias da língua. Tanto os arquétipos como as imagens mentais estão disponíveis na emergência de experiências mentais estruturadas.

1. 3. Definição por protótipos /estereótipos /"topoi"

O termo “estereótipo” pertencia exclusivamente à linguagem dos impressores: a palavra foi forjada em 1798 para designar um bloco obtido pela moldagem de uma página inteira de um texto em caracteres móveis e que depois podia servir para várias tiragens (*Stereos*: ‘sólido’, *tùpos*: ‘carácter’). Os psicólogos e psiquiatras aplicaram a palavra para designar comportamentos repetidos, rotineiros, a repetição mecânica do mesmo gesto. Walter Lippmann (1922) introduziu o termo nas ciências sociais, para traduzir a ideia de que as pessoas não viam o mundo como ele era mas segundo as imagens que tinham na cabeça (=imagens existentes nas nossas cabeças). Os estereótipos filtram as nossas percepções e as nossas acções. Nascem na sociedade, crescem connosco, fazem a mediação entre a nossa mente e a nossa experiência. Os estereótipos são deste modo o resultado de um processo visando regular, de modo eficiente, as interacções sociais. A definição será, em Ciências Sociais, o conjunto das «crenças partilhadas em relação às características pessoais, traços de personalidade e comportamentos, de um grupo de pessoas». É um facto que a maior parte dos estereótipos costumam situar-se no lado sombrio da humanidade. Mas no fundo os estereótipos são não só o resultado natural do processo de categorização como uma consequência da necessidade individual de organizar e simplificar o meio em que nos movemos. Os termos estereótipo e protótipo surgem assim entre outras designações como conjuntos fluidos (FLOUS), de exemplares, conjuntos de características, como “nós”, “scripts”, quadros, instâncias, atributos, esquemas, “top-down”, “bottom-up”, “pointer plus tag”, etc. Vamos ater-nos à definição comumente aceite de estereótipo, que é a seguinte:

Os estereótipos são as imagens que temos na mente acerca do mundo: vemos o mundo mais como o consideramos que é, do que como ele é realmente. Os estereótipos não são a parte sombria da humanidade, nem o resultado da “repetição mecânica” de gestos. São o resultado da necessidade de categorizar o mundo e da necessidade de organizar e simplificar o meio em que vivemos (Leyens / Yzebyt / Schadron 1996).

Vamos tentar conjugar a noção de estereótipo com uma outra que lhe anda próxima, a de “topos”, como ela é entendida por Anscombe (1995: 39)

«Ce sont des principes généraux, qui servent d'appui au raisonnement, mais ne sont pas le raisonnement. Ils ne sont jamais assertés en ce sens que leur locuteur ne se présente jamais comme en étant l'auteur (même s'il l'est effectivement), mais ils sont utilisés. Ils sont toujours présentés⁴ comme faisant l'objet d'un consensus au sein d'une communauté plus ou moins vaste (y compris réduite à un individu, par exemple le locuteur)».

Tal como nos estereótipos também nos “topoi” não há monolitismo (podem existir dois topoi que se contradigam) e valem sempre como princípios gerais. Os “topoi” ou servem de base à própria unidade lexical (os “topoi intrínsecos”) ou servem de base para encadear os raciocínios (os “topoi” extrínsecos). E por detrás das palavras há objectos, ou outras palavras. As palavras definem-se a elas mesmas. Assim, em

«O seguro morreu de velho»

explicita-se, como vimos, a causa inerente, por contacto directo – a “velhice” -, apenas morre no final do caminho possível, no fim do percurso. Há assim palavras e enunciados por detrás de cada uma das palavras da língua. Vamos tentar procurar os laços entre os provérbios e outras formas sentenciosas, entre os estereótipos ou “topoi”.

Os provérbios, linguisticamente, caracterizam-se pelo seu:

- aspecto formulaico
- lado descritivo e figurativo
- alcance geral e universal

Os provérbios ou enunciados sentenciosos construídos à volta de “seguro” apresentam as assonâncias, as métricas próprias deste género, como:

- confia no futuro mas põe a casa no seguro,
- alto mar, e não de vento, não promete seguro tempo,
- quando cuidas meter o dente em seguro, toparás o duro,
- quem corre pelo muro não dá passo seguro,
- de juizes não me curo, que minhas obras me fazem seguro,
- em povo seguro não há mister muro,
- quanto maior é a ventura, tanto menos é segura⁵.

4 Assim, por detrás de *procurar* está *encontrar/achar*, de *bater* está *abrir*, de *argumentar* está *persuadir*, etc.

5 Estes ditos sentenciosos foram retirados do Dicionário de Moraes (8ª/9ª ed. 1891)

Os provérbios não são simples unidades fraseológicas: são formas que assinalam um emprego específico, que têm uma função particular, a de reforçar, explicitar, documentar, dar foros de autoridade a uma afirmação outra que não a contida no seu conteúdo próprio. São unidades codificadas que nomeiam um conceito geral, constituindo um corpo de leis (=decorrentes da sabedoria popular), em que as línguas convergem mais no conteúdo do que na forma. Sequências próximas das dos provérbios são as chamadas fraseologias, e as formulações são bem semelhantes. Nas fraseologias e nos provérbios, as diferentes línguas tanto convergem como divergem. Há no entanto, princípios gerais comuns às sociedades humanas e esses princípios mantêm-se normalmente intactos: divergem na forma, no apoio antropológico, na simbologia semiótica, mas o conteúdo é bastante idêntico. As formas apresentadas pelos estereótipos das várias sociedades e línguas estão construídas com bases por vezes muito diferentes. Comparemos apenas exemplos de duas línguas bem próximas como são o português e francês⁶:

Prudence est mère de sûreté vs.

O seguro morreu de velho

Vale mais um pássaro na mão do que dois a voar vs.

Un bon tients vaut mieux que deux tu l'auras

6 Se nos reportarmos às chamadas “fraseologias” ou expressões idiomáticas é ainda mais marcante a distância quanto à forma mesmo em línguas próximas:

Avoir une araignée dans le plafond vs.

Ter macaquinhos no sótão

Voir trente-six chandelles vs.

Ver estrelas

Prendre quelqu'un la main dans le sac vs.

Apanhar alguém com a boca na botija

Mener quelqu'un par le bout du nez vs.

Levar alguém pelo beijo

Jeter l'argent par les fenêtres vs.

Deitar dinheiro à rua

Faire d'une pierre deux coups vs.

Matar dois coelhos numa cajadada

Apeler un chat, un chat vs.

Pão pão, queijo queijo

Vendre la peau de l'ours avant de l'avoir tué vs.
Contar com o ovo no cu da galinha / da pita

Vemos como a construção e, por conseguinte, a cognição ou representação segue caminhos diferentes. Mas, regressando ao nosso tema, se dermos aos provérbios o valor de “topoi”, no sentido de princípios gerais que servem de base ao raciocínio, à argumentação, de princípios construídos com base no consenso geral da comunidade e considerando que, por detrás das palavras, não há objectos mas outras palavras, poderemos imaginar um raciocínio do género de:

- » O seguro morreu de velho;
- » à morte ninguém escapa,
- » mas o seguro escapa até ao limite possível.

Por outro lado, utilizando o enunciado sentencioso «o seguro morreu de velho» e, no encaço de estereótipos colados a este enunciado sentencioso, socorrendo-nos de inquiridos a cerca de centena e meia de estudantes universitários, a algumas dezenas de professores do ensino secundário, a duas dezenas de Mestrados na UTAD, e uma dezena e meia de Mestrados, da Universidade de Macau⁷, esperamos obter dados para a construção de exemplares, digamos, típicos, do que está por detrás do provérbio e, por outro lado, por meio das intertextualidades, chegar aos estereótipos / topoi manipulados pelo provérbio.

Colocámos os inquiridos perante o referido provérbio, pedindo-lhes que imaginassem dez situações ordenadas de 1 a 10, em que a resposta / conclusão pudesse ser o enunciado sentencioso em questão, ou enunciados / palavras que tivessem relação com o mesmo enunciado. Obtivemos assim um conjunto de respostas que apontam para domínios muito recorrentes e para intertextualidades marcantes. Devo observar que alguns dos inquiridos apenas realizaram algumas das respostas pedidas.

⁷ Entre os inquiridos estavam três Mestrados cuja língua materna é o mandarim (vieram da Universidade de Beijing) e 5 cuja língua materna é o cantonenense: ou são de Macau, ou vêm de Cantão / Xangai.

Os cenários mais recorrentes são a “segurança”:

- na condução ou nos vários géneros de transportes (de longe o maior número de ocorrências, no género de situações),
- em casa (com o gás, com alarme, grades),
- na alimentação (qualidade ou validade dos alimentos),
- na saúde (uso do guarda-chuva, cuidado com medicamentos, com as vacinas, a higiene),
- no sexo (sexo seguro, a sida),
- no modo de lidar com dinheiro, etc.

Mas a grande maioria dos cenários interpretativos de «o seguro morreu de velho», situa-se na intertextualidade, remete para outros provérbios. E efectivamente verificamos como estamos perante um autêntico “topos”⁸. Apresentamos em primeiro lugar as situações em que os inquiridos enquadraram o referido provérbio e, depois, os provérbios em que o nosso “seguro morreu de velho” surge como conclusão na argumentação:

1. Cenário: “conduzir / viajar”

- “se conduzir não beba”: 1º (9)º, 2º(6), 3º (4), 4º(6), 5º(4), 6º (3), 10º(1)
- “uso do cinto de segurança”: 1º (2), 2º(5), 3º(1), 5º(1), 6º(1), 7º (2)
- viajar seguro / não conduzir cansado / com mau tempo: 1º (1), 2º (1), 3º (3), 4º (2), 5º (1)
- olhar antes de atravessar / atravessar na passadeira: 3º(3), 4º (2), 7º, 9º
- usar o capacete: 3º, 8º, 6º, 4º, 7º, 9º, 1º
- seguro do carro, carro seguro, seguro de viagem: 1º, 3º¹⁰, 4º, 9º, 4º
- (reduzir a) velocidade (com mau tempo): 2º, 3º, 9º, 10

8 Indicamos, fora de parêntesis, a ordenação de 1º a 10º e, entre parêntesis, o número de ocorrências nesse ponto da ordenação.

9 A resposta de uma Mestranda chinesa era seguinte: «Se conduzes, não bebes: o seguro»

10 Uma das respostas deste item foi produzida por uma estudante de etnia chinesa que enunciou do seguinte modo o seu enquadramento: «Para uma pessoa que costuma viajar de avião e (deve) comprar uma grande quantidade de seguro, (é que) o seguro morreu de velho. »

- regras de trânsito: 2º, 1º (2), 3º, 7º,
- “uso de salva-vidas”: 2º, 1º
- cuidado com boleias: 5º, 6º, 10º (2)
- “fazer-se acompanhar de documentos”: 10º
- “uso de comprimidos (quando se viaja)”: 9º
- sinais de trânsito: semáforos: 5º, 4º
- cinto de salvação: 10
- comigo o miúdo/ a criança vai (sempre) atrás: 8º, 9º
- cuidados mecânicos: 1º
- seguro contra todos os riscos: 4º, 5º
- alarme no carro: 6º

2. Segurança em casa:

- fechar/trancar as portas e janelas /alarme / grades: 3º(2), 4º (2), 5º (2), 6º, 7º, 8º(2), 9º (2), 10º
- desligar o gás: 3º, 6º, 7º
- não deixar o filho sozinho em casa: 2º
- construção: 7º

3. Segurança com a alimentação:

- alimentos saudáveis /validade /uso do sal: 1º, 2º, 3º (2)¹¹, 4º (2), 5º(an apple a day keeps a doctor away), 6º, 7º, 9º
- não comer vegetais crus: 4º

4. Segurança com a saúde:

- levar guarda-chuva, casaco: 1º, 2º (3), 3º (2), 6º (3), 4º (2), 9º
- os medicamentos fora do alcance das crianças: 8º, 2º, 4º
- remédios: 3º, 4º
- higiene: 6º
- prevenção de doenças: 4º
- saúde /ir ao médico /vacinas / sem gordura / proteger a natureza: 6º, 7º, 5º, 7º, 3º, 1º (3), 2º (2), 3º, 10º, 6º
- tomar banho depois de almoçar: 2º, 3º
- praticar desporto: 1º, 4º,
- droga: 2º, 2º, 6º, 1º, 3º, 4º

11 Uma resposta chinesa era: «Uma alimentação balanceada é importante para a saúde, olha que o seguro morreu de velho».

- seguro de vida: 4°
- tabaco / não fume pela sua saúde: 6°(2), 8°, 1° (2), 4°, 3°
- álcool: 6°, 5°, 7°
- encurtar a ceia é alongar a vida: 4°

5. Segurança com dinheiro:

- trazer dinheiro / guardar dinheiro no banco/ não andar com muito dinheiro: 1°, 10°, 3° (2), 5°, 6°
- conferir o troco: 4°
- andar de noite/medo da noite: 7°, 7°, 5°
- não emprestar dinheiro: 5°, 7°
- jogar na bolsa: 5°

6. Sexo seguro:

- sexo seguro/ uso do preservativo: 1°, 2° (3), 3°¹², 4° (2), 6°, 9°, 8°(2), 10°
- sida: 3°, 3°, 10°¹³
- se quer vida não à sida: 6°

7. Segurança com o fogo

- brincar com o fogo (com o fogo não se brinca) / evitar produtos inflamáveis: 1°, 2°¹⁴, 9° 10°

8. Trabalho

- trabalhar/estudar: 1° (3), 2° (3), 3°, 4° (6), 5° (3), 4° (2), 6°(2), 7°(2), 8°, 9°, 10°(2), 9°
- segurança no trabalho: 8°

9. Desconfiança nos outros

- os olhos são o espelho da alma / cuidado com os amigos: 1°, 5°, 9°
- pensar antes de agir: 5° (2)¹⁵

12 Eis a resposta (de falante chinesa) inserida neste item: «Não convive com o teu namorado antes do casamento porque o seguro morreu de velho»

13 «Em Macau não se deixe seduzir por uma tailandesa, olhe que o seguro...»

14 «Não brinca com o fogo, porque o seguro morreu de velho» foi o enquadramento de uma resposta chinesa.

15 «Olha tu és tão inocente que algumas vezes falas com franqueza demais até alguma pessoa ficar muito embaraçada, mas toma cuidado, sabe que a língua é origem de todas as maldades: o seguro morreu de velho» (Chinês)

- ler antes de assinar: 1º, 3º
- não confiar em estranhos: 4º, 5º
- não acreditar em tudo: 8º, 4º, 2º, 5º,

10. Provérbios (outros -)

a) representando o mesmo “topos”:

- prevenir (mais vale prevenir do que remediar/ para não teres que remediar): 1º (7), 2º (7), 3º (4), 4º (2), 5º (3), 6º, 7º (3), 10 (3) ..
- homem prevenido vale por dois: 7º(2), 3º(2), 6º-10º, 5º, 8º, 4º, 1º (2)
- quem tudo quer tudo perde: 1º, 8º, 6º, 7º (2), 5º, 4º (3), 2º, 10º,
- devagar se vai ao longe: 3º, 2º (2), 9º, 5º (2), 1º
- quanto mais depressa mais devagar: 2º
- mais vale um pássaro na mão do que dois a voar: 3º (3), 4º, 1º(3), 2º (3), 8º, 7º, 6º, 9º
- com o fogo não se brinca: 10º, 1º, 9º
- mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto: 5º, 8º
- mais vale tarde do que nunca: 2º(2)
- há mar e mar há ir e voltar: 6º, 1º,
- se queres viver em paz tuas portas fecharás: 8º
- se queres bem casar teu igual vai procurar: 10º
- uma palavra antes vale mais que duas depois: 9º
- nem tudo o que reluz é ouro: 10º
- segredo de dois, segredo de muitos: 10º
- segure-se, a vida é sua: 3º,

b) representando “topoi” próximos:

- use mas não abuse: 6º,
- em tempo de guerras não se limpam armas: 3º,
- candeia que vai à frente, alumia duas vezes: 3º
- depois de casa roubada trancas à porta: 3º, 8º (2), 5º, 1º
- não vale a pena chorar sobre leite derramado: 4º
- fia-te na virgem e não corras e vais ver o trambolhão que levas: 4º, 5º, 3º, 4º,
- gato escaldado de água fria tem medo: 6º, 4º, 10º
- no poupar é que está o ganho: 3º, 4º, 7º

- diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és: 7°, 4°
- se/ quem vai para o mar avia-se/prepara-se em terra: 2°, 10° (2), 3°, 1°(2), 4°
- perdido por cem perdido por mil: 1°
- gordura não é formosura e mais tarde pagarás a factura: 9°
- quem se mete no meio da multidão mete-se na confusão: 10°
- quem não arrisca não petisca, mas...: 8°
- há mar e mar há ir e voltar: 10°, 2°, 10° (2), 4°
- quem te avisa teu amigo é: 5°
- ovelha que berra bocado que perde: 8°, 8°
- quem se mete por atalhos mete-se em trabalhos/ evitar atalhos: 7°, 9°
- olha para o que eu digo e não para o que eu faço: 6°, 9°
- se tens telhado de vidro não atires pedras...: 7°
- pare, escute e olhe: um comboio pode esconder outro: 3° (2)
- quem te avisa teu amigo é: 2°, 3°
- em rio quedo não metas o dedo: 2°

3. Topoi mais ou menos afastados:

- em rio sem peixe, não deites a rede: 2°
- a preguiça morreu de sede à beira do rio: 2°
- quem ri por último ri melhor: 3°
- não te rias do mal do vizinho que o teu vem pelo caminho: 3°, 2°
- amigos amigos negócios à parte: 9°, 5°
- livra-te de atalhos que eu livro-te de trabalhos: 8°, 1°
- não deixes/ não guardes para amanhã o que podes fazer hoje: 3°(2), 1°, 9°, 3°, 9°
- primeiro o dever, depois o lazer: 8°
- guarda que comer, não guardes que fazer: 3
- quem quer vai, quem não quer manda...: 5°
- presunção e água benta ...: 7°
- a noite é boa conselheira: 3°
- de noite todos os gatos são pardos: 4°
- filho és, pai serás, consoante fizeres, assim acharás: 5°, 7°
- gaivotas em terra tempestade no mar: 10°
- tal como fizeres assim acharás: 8°
- quem semeia ventos colhe tempestades: 4°

- guarda o que não presta e terás o que precisas: 10
- quem anda à chuva molha-se: 7º, 9º, 5º, 6º,
- dar gato por lebre: 3º
- depois do mal feito chorá-lo não dá efeito: 5º
- a capa e a merenda nunca pesaram: 7º
- prudência e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém: 8º
- não metas a foice em seara alheia: 9º
- não deites foguetes antes da festa: 9º
- não te arrisques: 4º
- longe da vista longe do coração: 4º

4. Desconstrução do provérbio:

- o seguro morreu de velho, mas morreu/ não é eterno: 1º, 10º
- vais ter um lindo enterro: 1º
- alguém que lhe faça o funeral: 3º
- que importa a morte se no cemitério há flores?: 3º
- sexo seguro? Segura-te e longe irás: 6º
- porto seguro? quanto mais velho melhor!: 5º

5. Provérbios chineses:

- a ambição não descansa: 1º (ter mais olhos do que barriga, querer alcançar o céu com as pernas, quanto vê quanto cobiça)
- a ambição só morre ao enterrar: 2º
- o tempo corre rápido: 3º
- forma de viver tem muito(= formas de viver há muitas), mas de morrer só uma: 4º
- a morte leva tudo: 5º
- a fortuna levou-a o vento: 6
- quem mais acima chega, uma grande queda: 7º (quanto mais alto sobe, maior é queda)
- quem quer mais tudo perde: 8º
- mais vale fazer do que falar: 9º
- mais vale uma coisa feita do que dez a pensar: 10º
- o dragão não é desenhado por um traço: 9º
- os ouvidos não se podem tapar com uma mão: 10º
- quando há tufão não vá para a rua: 6º
- quando envelhece, não vale nada: 3º

- manda o macaco, quando o tigre não está: 5º
- o que ouve é falso, o que vê é verdade: 6º
- só conhece uma pessoa ao longo do tempo: 7º
- a flor que cheira bem nem sempre é bonita: 9
- a pessoa que fala muito nem sempre tem muita capacidade: 8º
- o que custa mais um escudo vale mais: 10º

As ocorrências que apresentámos como surgidas em situações imaginadas pelos inquiridos, enquadram-se em micro-textos do género de:

«Se pedires boleia, vê com quem te metes, olha que o seguro morreu de velho!»

«Se conduzires não bebas, olha que o seguro morreu de velho!»

«Não guardes a preparação do exame para a véspera, olha que o seguro morreu de velho!»

Os textos construídos com outros enunciados sentenciosos surgem num discurso sob a forma de argumento final para a persuasão:

«Não troques o certo pelo incerto, olha que o seguro morreu de velho!»

«Não andes p'raí a falar de tudo e de todos, olha que quem diz mal do vizinho o seu vem pelo caminho e o seguro morreu de velho!»

O provérbio que apresentámos tem exactamente o mesmo valor que a maior parte dos que os inquiridos sugeriram como enquadramento. Assim, *mais vale um pássaro na mão do que dois a voar, quem se mete em /por atalhos mete-se em trabalhos, guarda que comer e não guardes que fazer, guarda o que não presta e terás o que precisas*, são totalmente equivalentes ao *seguro morreu de velho*.

É interessante ver como alguns dos inquiridos preferiram “desconstruir” o texto sentencioso. Esta desconstrução ocorreu sobretudo nos textos realizados por professores. Uma leitura que tivesse em conta o nível etário, a classe social donde provêm os inquiridos, revelaria igualmente resultados interessantes.

Ainda dentro deste enquadramento, torna-se visível o domínio que os estudantes têm do fundo popular representado nos provérbios.

2. O mundo projectado de “seguro”

À volta de “seguro” temos assim determinados **mundos projectados**¹⁶, **mundos construídos**¹⁷, pois tanto podemos dizer que alguém está “seguro”, como dizer que alguém “está seguro de si”, que não é o mesmo que afirmar “que alguém está sem preocupação”, ou ainda dizer que alguma coisa “está simplesmente segura”, ou, de modo mais próximo, especificar “está seguro na parede”, “está seguro com um prego”, ou ainda falar de “seguro de vida”, “seguro de saúde”, “seguro por áreas”. Por outro lado, ao usarmos uma expressão evocamos não apenas uma ideia, uma noção, mas uma **teoria**¹⁸, com explicações acerca do mundo, o tal **mundo construído**. Além disso, as expressões linguísticas podem sugerir a **construção** de uma situação em termos de algo diferente: as expressões não literais (metáfora e metonímia são disso exemplo, como «o seguro cobre todos riscos» e em que o literal e o metafórico têm fronteiras muito diluídas). Finalmente, as rotas mentais (“mental routes”) de Tyler (1989), o ponto de vista pelo qual iluminamos determinadas cenas, salientando um ou outro aspecto da cena, «o seguro cobre todos os riscos», em que a imagem se desenha na direcção da gravidade (“de cima para baixo”). O “seguro” está “em cima”, em vez de se dizer «o seguro sustenta todos os riscos», no sentido de “debaixo para cima”. Por outro lado, o limite de “seguro” coloca-se num ponto único (o verbo *morrer* é pontual), dizemos «o seguro morreu de velho» em vez de «o seguro viveu muito tempo».

Mas o que significa “construção”, “conceptualização”, “lexicalização” e “categorização”? As conceptualizações precisam de ser formatadas, estruturadas, para permitir a simbolização por meio de uma dada língua. O ponto de referência de “seguro” é subjectivo e antropocêntrico. Por exemplo, em seguro, coloca-se como categoria central a própria entidade: seguro de vida, de saúde, contra todos os riscos. E seguro, é o que está seguro.

A categorização é instável, dependente do contexto: é um produto,

16 «The information conveyed by language must be about the projected world» (Jackendoff 1983: 29).

17 «The relationship between a speaker (or a hearer) and a situation that he conceptualizes and portrays» (Langacker 1987: 487-8).

18 Isto é, o “idealized cognitive model” (G. Lakoff 1987).

por assim dizer, do modo como um falante, de acordo com a sua situação presente e com a orientação dos seus pensamentos, constroi um certo estado de coisas. Não é uma ideia de posse que se traduz em “seguro do carro”, “seguro automóvel”, “seguro vitalício”, “seguro ramo vida”, “pessoa segura”, etc. As preposições usadas, em “seguro de vida”, “seguro contra todos os riscos”, “seguro de acidentes”, “seguro de doença” (=contra a doença), implicam uma noção de materialidade e espacialidade, exprimindo “contacto directo”.

A motivação semântica aqui materializada e realizada encontra-se na sintaxe? O significado das palavras estará dentro das próprias palavras, ser-lhes-á inerente, como defendem Pottier (1974) e Rastier (1987)? Mas aqui a ligação entre o conceito e o real interconectam-se de modo peculiar. As explicações possíveis são várias: ou postulamos a literalidade pura, ou defendemos que a não literalidade depende do contexto, ou, por outro lado, que o sentido das palavras está dentro delas, é-lhes inerente. Como congraçar as várias posições?

Os possíveis **scripts** (Schank e Abelson 1977), os “cenários” do provérbio levaram-nos para certos domínios. Adquirimos a ideia de “script” com a experiência: quem nunca esteve inseguro, na vida, na saúde, não é capaz de se construir ou mesmo reconhecer o cenário, a ideia de “seguro”. Há inferências necessárias ao reconhecimento do cenário. Coberturas, exclusão e não descoberturas. Vejamos os termos que ocorrem no mesmo ambiente de “seguro”: *riscos, sinistros, prémios, acidentes, catástrofes, desastres*. Mas não ocorre, neste contexto, a palavra ou a entidade *perigos*.

Temos a impressão, ao usar determinados nomes¹⁹, que estamos perante valores equivalentes aos dos pronomes: substituem os autênticos nomes. *Seguro, o seguro morreu de velho*.

Fazer a ligação entre o mundo cultural e o mundo da linguagem é o sonho de muitos estudiosos²⁰. As teorias do seguro, do inseguro, são da-

19 «I believe that every noun designates a region (or thing), defined abstractly as a set of interconnected entities, whose construal as such reflects the image-schematic ability of conceptual reification. The archetypal conception of physical object provides the category prototype» (Langacker 1987: 53).

20 E, por vezes, ainda bem que as palavras e as coisas estão afastadas: «Se as palavras matassem, a Índia e o Paquistão já se tinham destruído mutuamente» (Independente, 5.5.98).

dos culturais, mas são também resultado de processos históricos. Interpretações e reinterpretações. A defesa do território físico. Auto-confiança, auto-estima. As redes de metáforas (**clusters of metaphors**) envolvem “seguro”. As suas incoerências e coerências jogam-se no “imaginário convencional” (“conventional imagery” de Langacker 1987). A própria relatividade das coisas reflecte-se na ausência de monolitismo dos enunciados sentenciosos com “seguro” e nos enunciados evocados para os explicar: contradizem-se (*quem não arrisca não petisca vs vale mais um pássaro na mão do que dois a voar, candeia que vai á frente alumia duas vezes vs. mais vale tarde do que nunca*).

A semântica do mundo é subjectiva e há modos alternados de construir as cenas, processos composicionais alternados, saliências diversas dos elementos, diferentes níveis de especificação, pontos de vista alternativos. Há noções afins como posse, localização, existência, aspecto perfeito, etc. Qualquer expressão, diz-se, é polissémica. Mas dever-se-á antes dizer que as expressões não têm o mesmo significado mas uma família de sentidos relacionados, normalmente construídos à volta de um protótipo. Alguns desses sentidos são esquematicamente relacionados com outros, representando a especificação de determinados traços.

O significado de uma expressão linguística envolve não apenas um “conteúdo” conceptual mas também uma forma particular de construção desse conteúdo. O significado de uma nome tem o perfil para designar coisas, ao passo que verbos, adjectivos, advérbios e preposições têm o perfil próprio para relacionar coisas.

3. Seguro categoria lexical e categoria imagética

A materialidade e a praticabilidade de um conceito como “seguro” no enunciado sentencioso que serve de título à minha exposição põe em confronto a extensão desse conceito e os traços intensionais de um possível objecto que o objectivize (Desclés / Kanellos 1991). À volta de “seguro” há vários actos de categorização possíveis, mas o problema joga-se entre dois pólos: objecto e conceito. Pressupor a categoria já construída e procurar apenas descrevê-la é uma hipótese. E um ponto de partida é o de se considerar que não há oposição entre entidades abstractas e entidades não abstractas: existe apenas um determinado grau de abstracção. Cada palavra representa uma fonte complexa de conhecimentos,

tanto no domínio da língua como no domínio do mundo real. E a compreensão da linguagem resultaria da coordenação de intercâmbios entre as palavras, em que elas mesmas são capazes de determinar o seu próprio comportamento num dado contexto linguístico e conceptual.

3. 1. *Seguro: nome ou adjectivo?*

Uma categoria será uma classe lexical ou uma classe de conceitos? A imagem mental, as rotas mentais do pensamento serão como? Posso dizer

dos dois carros prefiro o pequeno (vs. grande),
*dos dois carros prefiro o seguro (vs. *inseguro?)

Seguro adquiriu a categoria de nome: substitui *segurado*, como se fosse simultaneamente um participípio e um nome. Já não há resto de elipse. O que acontece com este “seguro” ultrapassa tudo o que tenho visto sobre elipse, quer nas teorias tradicionais, quer nas teorias mais recentes.

E aqui a categoria fixada na “imagem mental” aponta para o vertical, para algo que desafia e se contrapõe à lei da gravidade (“em cima”) e mesmo sem “ter os pés na terra”, “não anda na lua”, “nem está suspenso”, “está preso e ligado de modo a não causar preocupação” (sine cura). “O que está seguro” não “corre perigos” nem mesmo “riscos” (pois *há seguromultirriscos / contra todos os riscos*). Fiz (Vilela 1996) uma análise pormenorizada de risco (o risco ainda está longe do perigo).

3. 2. *Seguro vs. sustentado*

Entre as imagens mentais actualmente em vigor nas línguas da Europa Ocidental sobressai a imagem de “suporte”. Ouvimos termos, que representam materializações de ideias, de conceitos, tais como *plataformas* (para quase tudo), *tecidos* (*tecido empresarial, tecido produtivo*), *envolvimentos* (*envolvimento das escolas, envolvimento das pessoas, projectos envolvidos*), *vertentes* (*vertente económica, vertente técnica*), *explosões* (*explosão de instituições*), *interfaces* (que substituiu *entrepostos*), *formatos* (*formato do projecto*), *fundações* (*fundação para a ciência*), *flexibilização*, etc.

Mas entre esses termos quero salientar os termos “suporte” e “sus-

tentado”. O termo, se quiserem a categoria “suporte”, *suportado*, *suportar*, etc., ocorrem frequentemente. Por exemplo:

- suporte papel,
- suporte magnético
- suporte electrónico
- etc.

Ainda na mesma imagem mental, na mesma categoria conceptual, surge a palavra “sustentado”:

- desenvolvimento sustentado
- sustentabilidade das infra-estruturas tecnológicas
- realidade económica sustentável
- etc.

E aqui encontra-se a imagem mental oposta à de “seguro”: o ponto de apoio é “em baixo”, “com os pés bens assentes no chão”. Dentro dos parâmetros da lei da gravidade, mais próximo do natural e da natureza. É precisamente o contrário do que acontece com “seguro”, que é contra a lei da gravidade, suspende-a, contraria-a, previne-a. “As seguradoras seguram” assegurando o futuro. *O seguro morreu de velho.*

4. Conclusão

Não podemos caminhar para uma conclusão “segura”: estamos perante uma categoria lexical, uma categoria conceptual ou uma categoria de objectos? Deixo apenas a pergunta. A semântica do protótipo explica? Trata-se de um dado totalmente cultural, e, portanto, mais facilmente explicável pela teoria dos estereótipos? Os “topoi” como são entendidos, por exemplo, por Ducrot e Anscombre, explicam? A proposta de Geeraerts, fazendo o caminho da história do percurso das palavras e dos seu percurso conteudístico será a melhor solução?

Mundo real, mundo das palavras e mundo cultural são equivalentes. Por vezes, ainda bem que há divergências. Um jornal semanário, na secção internacional, num artigo com o título «Matai-vos uns aos outros», afirmava em subtítulo:

«Se as palavras matassem, Índia e Paquistão já se teriam aniquilado sem ajuda de armas nucleares» («O Independente», Internacional, 5. 6. 98)

BIBLIOGRAFIA

- Anscombe, Jean-Claude 1995 - «La nature des topoi» e «De l'argumentation aux topoi», in: Anscombe, J.- Cl. (org.) – *Théorie des Topoi*, Paris: Editions Kimé, 49- 84 e 11-47.
- Aulete, F. J. Caldas – *Dicionario Contemporâneo da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livr. A. M. Pereira, s. d. (1913)
- Desclés, J.-P. / Kanellos, I. 1991 - «La notion de typicalité: une approche formelle», in: Danièle Dubois (org.) – *Sémantique et cognition. Catégories, prototypes, typicalité*, Paris: CNRS, pp. 225-243.
- Dirven, René 1995 - «The construal of case: The case of cause prepositions», in: Taylor, John R. and MaLauri (orgs) – *Language and the cognitive construal of the world*, Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 95-118.
- Jackendoff, Ray 1983 – *Semantics and cognition*, Cambridge; MA: MIT Press.
- Jackendoff, Ray 1996 – *Languages of the Mind. Essays on Mental Representation*, Cambridge: MIT Press.
- Lakoff, George 1987 – *Women, Fire, and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press
- Lakoff, George and Johnson, Mark 1985 – *Les métaphores dans la vie quotidienne*, Paris: Minuit (ed. original: *Metaphors we live by*, Chicago, 1980) .
- Langacker, R. 1987 – *Foundations of Cognitive Grammar, I*, Stanford: Stanford University Press
- Leyens, J. – P. / V. Yzebyt / G. Schadron 1996 – *Stéréotypes et cognition sociale*, Paris: Mardaga,
- Lipmann, Walter 1992 – *Public Opinion*, New York: harcourt § Brace (Nota: citei de J. – P. Leyens / V. Yzebyt / G. Schadron 1996 – *Stéréotypes et cognition sociale*, Paris: Mardaga, p.22ss).
- Antônio Moraes da Silva – *Diccionario da Língua Portuguesa*, 8ª ed., Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense, 1891
- Pottier, Bernard 1974 – *Linguistique générale. Théorie et description*, Paris: Klincksieck.
- Putnam, H. 1975 - “The meaning of meanings” in: Gundersen, L. (org) *Language, mind and knowledge*, Univ. Minnesota Press; 131-193.
- Rastier, François 1987 – *Sémantique interprétative*, Paris: PUF
- Rastier, François 1993 - «Catégorisation, typicalité et lexicologie», in: Dubois, Danielle – *Sémantique et cognition. Catégories, prototypes, typicalité*, Paris: CNRS Editions, 1993: 259- 277.
- Rosch, Eleanor 1978 - «Principles of categorization», in: E. Rosch, B. b. Lloyd (orgs.) – *Cognition and Categorization*, Hillsdale, (N. J.): L. Erlbaum: 27- 47

Schank, Roger and Abelson, Robert 1977 – *Scripts, plans, goals and understanding. An inquiry into human knowledge structures*, Hillsdale, (N. J.): L. Erlbaum.

Tyler, Lorraine K. 1989 - «The Role of Lexical Representation in Language Comprehension», in: Marslen-Wilson, William (org.) – *Lexical Representation and Process*, Cambridge, Mass.: MIT, 439-462.

Vilela, Mário 1996 - «Do “campo lexical” `a explicação cognitiva: risco e perigo», in: *Diacrítica*, 11 (1996): 639-665